

CENTRO SENAC DE COMUNICAÇÃO & ARTES  
PALESTRA NO SEMINÁRIO O CORPO NO FINAL DO MILÊNIO  
Porto Alegre 17-18-19 de abril de 1998.

---

## O CORPO ENTRE A FÍSICA E A BIOLOGIA - ENTRE A LÓGICA E A POESIA

Prof. Dr. Silvino Santin

### RESUMO:

A tarefa primeira deste estudo é descrever o corpo lançado, neste final de milênio, num verdadeiro "samba de crioulo doido" com a finalidade de encontrar na corporeidade a unidade do ser humano. Os dualismos antropológicos, herdados do passado e ainda presentes, refletem uma dupla oposição. Uma interna, que separa o homem em dois elementos distintos; e outra externa, que cria um abismo entre o homem e o mundo. Sem superar esses dualismos, por vezes suavizados com termos e discursos que tentam unificar psíquico e somático ou que aproximam o mundo do homem, o tema do corpo vê-se, hoje, mergulhado num conjunto de conflitos emergentes em diferentes instâncias. O corpo balança entre as fórmulas matemáticas das leis do mundo da física e as rebeldias da complexidade do mundo da vida, entre as lógicas lineares da ciências e o ziguezaguear auto-organizacional da vida, entre a objetividade da pesquisa científica e a subjetividade da criação artística. O corpo coloca-se diante das técnicas da construção do gesto esportivo e a ginga carnavalesca do dribble, diante da marcha unida e a ginga na gira da capoeira, diante da pedagogia da inteligência e a pedagogia do desejo. O corpo sente a ambigüidade entre o rigor do princípio da uniformidade e a liberdade das ofertas da diferença. O corpo percebe-se, ora como um instrumento de produção, ora como uma fonte de prazer. Mas parece que, apesar de tudo, o destino da corporeidade, neste final de milênio, concentra a possibilidade da unidade do ser homem e a inspiração do projeto de uma nova era societal.

### INTRODUÇÃO

Falar sobre o corpo no final do milênio é uma tarefa semelhante à de falar sobre a razão na Modernidade ou a alma na Idade Média, com uma agravante, a da imprecisão. Não é minha intenção, e mesmo não teria condições, de definir e estabelecer o lugar do corpo neste final de milênio. Gostaria, isto sim, tecer reflexões provocantes, desafiadoras e comprometedoras. Mais do que definir o corpo e indicar-lhe o lugar, acredito que o mais sensato e viável é falar da minha situação ou do meu modo de perceber o tema do corpo. Somente posso anunciar uma compreensão, uma percepção, ou uma visão circunscrita aos limites de minha formação acadêmica e da minha vivência corporal.

Inicialmente devo confessar que o tema que me propus foi centrado sobre as questões do corpo

neste final de milênio. Tais questões reforçaram em duas atitudes que, há algum tempo, me acompanham e que, no momento, tornaram-se o fio condutor deste estudo. A primeira refere-se a uma simples e óbvia constatação da presença constante, de fato, quase onipresença do corpo na vida, tanto na esfera individual quanto social das pessoas. Percebo que o corpo, quase repentinamente, parece ter ressuscitado, depois de milenarmente sepultado e mumificado pelas teses antropológicas do Logos grego, da teologia medieval ou do cógito cartesiano. O corpo, se não é um morto redivivo, pelo menos, está saindo de um longo e milenar sono letárgico. Assim o corpo parece tornar-se a encruzilhada de todos os caminhos e de todos os discursos, político, econômico, sociológico, pedagógico, antropológico e, até, ousado dizer, religioso. O corpo, parece ser o centro inspirador ou a fonte primária da construção de uma ideologia dominante.

A segunda atitude revela-se interrogativa. Diante de uma presença corporal que cresce e se expande em todas as direções, pergunto-me: qual o significado deste corpo onipresente? Desta presença emergente, até certo ponto, surpreendente, instigadora, desafiadora e fantasmática? Evito perguntar pelas causas ou razões por que essa interrogação causal ou racional, no meu entender, pode levar-me a um discurso acadêmico simplificador e abstratizante. Os investigadores intelectualistas apegam-se à busca de causas e contentam-se em defini-las, quando não acabam, longe da realidade vivida. No mundo dos intelectuais, especialmente, os governantes conhecem as causas dos grandes problemas que afligem a sociedade, não é conhecimento da causa que os leva a resolver ou não o problema, a corrigir a injustiça, mas o significado que o fato tem para seus interesses. Os consumidores de drogas, desde o fumo, passando pelo álcool e até à cocaína, todos conhecem as conseqüências, mas não é o conhecimento da causa que os move, mas o valor que tais drogas têm para eles. Por isso, coloco como questão chave a pergunta sobre o significado que o corpo tem para mim, para cada um de nós, para a sociedade em geral, os meios de comunicação, para o trabalhador, para a adolescente, para o jovem, para o velho. Conheço as teorias científicas e filosóficas sobre o corpo, desde Sócrates, Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Tomás de Aquino, Descartes, os cientistas, os anatomistas, biólogos, geneticistas. O que me intriga é saber qual a vivência de corpo destes mesmos intelectuais e, especialmente, dos escravos gregos e romanos, dos camponeses, plebeus e nobres da medievalidade, dos trabalhadores da era industrial. . Que significado tem o corpo para o homem, para o mulher? Para o adolescente, para o jovem, o adulto, o ancião. O portador de necessidades especiais? Para a prostituta, para os travestis, para os homossexuais? Pergunto, ainda, qual o significado do corpo negro, do corpo loiro, moreno, obeso, magro. Do corpo alto, baixo. O que significa o corpo para o atleta? Todos esses corpos em diferentes situações, dentro das quadras de vôlei, de basquete, no tatame, na piscina, na cama, no volante de um carro, nas poltronas de avião, diante de uma vitrina, no desfile de modas, andando na rua. E a comunicação televisiva o que tem a ver com a valorização da imagem corporal? A questão freqüentemente indaga sobre se os meios de comunicação televisivos seriam a causa ou a conseqüência do fortalecimento da presença co corpo? Por fim, a última e aterrorizante pergunta, como fica o corpo clonado?

Neste meu trabalho vou sustentar a tese de que a presença do corpo assume a dimensão que o seu significado adquire na vida das pessoas ou na ordem social graças ao sistema de significações que definem o paradigma de uma cultura e de uma época. E vou fazê-lo a partir de minha formação acadêmica e de minha experiência existencial de corpo.

Por isso, devo iniciar pela explicação do título deste meu estudo. De um lado, reflete o discurso

filosófico e, de outro lado, mostra como eu interpreto a corporeidade no momento atual. Ele não só representa o fio condutor, mas revela as leis da ótica de minha maneira de olhar o corpo.

## 1. AS RAZÕES DO TÍTULO DA PALESTRA

O idéia central inspiradora, **o corpo no final do milênio**, soa, para mim, como já disse, muito ampla e genérica. Inicialmente pensei em descrever o exato lugar do corpo na época atual seguindo a sua trajetória ao longo da história da antropologia. Percebi que cairia em lugares comuns, sem interesse para mim. Resolvi, apenas, estabelecer um referencial que me fornecesse alguns limites dentro dos recursos de minha abordagem. Seguir a trajetória do corpo relatada na antropologia filosófica e mesmo científica, pareceu-me muito distante da trajetória real do corpo, isto é, a história vivida. Queria encontrar uma possibilidade de conciliar a trajetória científica e a trajetória existencial do corpo. Depois de muitas tentativas acabei por colocar o corpo entre a física e a biologia, entre a lógica e a poesia. Sei que os termos escolhidos não refletem exatamente o que eu quero dizer. Talvez, fosse melhor dizer, o corpo entre o cognitivo e o afetivo, entre a razão e o coração, entre a marcha unida e a dança, entre o orgânico e o simbólico. De qualquer maneira, essas são as idéias que eu quero expressar com o título e perseguir neste estudo.

Nada de novo se acrescenta quando se diz que o corpo estava, e ainda está, exprimido numa série de dualismos conceituais sob inspiração da filosofia, da teologia e, também, das ciências. O corpo ficava prensado entre a matéria e o espírito, entre o psíquico e o somático e entre o natural e o artificial ou cultural, entre o instinto e a consciência. O corpo, ainda, aparecia a cavaleiro entre dois mundos. O mundo formado pelo reino dos seres vivos mundanos e o mundo formado pelo seres celestiais.

Hoje, no meu entender, estes dualismos ficaram, embora não resolvidos, num segundo plano, pelo menos, para o novo tratamento, dado ao corpo, por grande parte de pensadores no final do milênio. A história nos mostra que as questões não são esquecidas porque foram resolvidas, mas porque perderam o interesse. Não se pode, entretanto, esquecer que o dualismo cartesiano que propunha a existência de duas substâncias constitutivas do ser humano, a substância pensante e a substância extensa não tendo entre si nada, absolutamente nada, em comum, fica difícil de sustentar diante dos avanços da neurobiologia. Julguei que colocar o corpo entre a física e a biologia e entre a lógica e a poesia refletiria melhor a maneira como eu tento situar o corpo no final do milênio. Volto a lembrar que não estou pretendo dizer como está o corpo no final do milênio, mas como eu o estou percebendo.

Seria cômodo estabelecer a posição do corpo no final do milênio, caso a sua trajetória estivesse representada como se fora uma pista de corrida. A partir do evolucionismo pode-se falar de um processo evolutivo do homem e do corpo. As informações, neste caso, teriam que ser buscadas na biologia ou na engenharia genética, mais particularmente, na biologia molecular. Talvez, mais do que traçar um perfil preciso do corpo a biologia molecular tornou-se um terremoto que abalou as convicções da biologia clássica. É ao som deste abalo sísmico que o geneticista localiza o corpo neste final de milênio.

Vou me arriscar um pouco mais por este caminho com o objetivo de mostrar como o corpo

humano, tão mecanicamente ordenado pela antropologia física moderna , está profundamente defasado.

Os meandros, até certo ponto misteriosos, pelo menos ainda inacessíveis, da vida celular garantem a existência da diversidade e das diferenças biológicas. Um dos grandes defensores da diferença biológica, o ecogeneticista Albert Jacquard escreve em seu livro **O elogio da diferença - A genética e os homens**, "A transmissão do patrimônio genético é o resultado de um grande número de loterias, onde se escolhem os genes que irão determinar variados caracteres. O acaso - qualquer que seja o significado - parece intervir decisivamente nesse processo de seleção. Decifrar a natureza do acaso é objetivo da genética. O desenvolvimento desta ciência permitirá compreender cada vez melhor o funcionamento do ser vivo, agir sobre as espécies vegetais e animais em benefício do homem, ou, até, num futuro ainda vago, alterar o patrimônio biológico terrestre.

Seguindo por este mesmo caminho o neurobiólogo Jean-Pierre Changeux refere-se aos cem bilhões de neurônios do ser humano, cuja operacionalidade continua, em grande parte, desconhecida, e chega a perguntar-se se todos esses neurônios são ativos. Para Changeux a resposta é não. (Do Caos à Inteligência Artificial. p.153) O que neutraliza os nossos conceitos dualistas de qualquer espécie. O corpo é uma autoorganização em constante movimento com alternativas opcionais para configurar-se.

Neste primeiro momento, fica clara a distância entre um corpo-máquina, interpretado pela mecânica da física Galileana e Newtoniana, e o corpo organismo vivo autoorganizado e emergido da biologia molecular. O corpo máquina pode ser trabalhado de fora porque é regido pelas leis da física e submetido às forças físico-químicas. A máquina pode ser sempre objeto de intervenção de um agente exterior que, geralmente, age desprezando o dinamismo próprio interno de todo ser vivo. O corpo da biologia é, em primeiro lugar, um processo autoorganizacional. Ele se constrói, aliás, como todo ser vivo, seguindo um código que está impresso nele mesmo. Tem regras próprias não explicadas pela causalidade linear. Possui um centro de decisões e se governa por um complexo sistema de comunicação.

A oposição entre lógica e a poesia visa mostrar que o corpo não se deixa aprisionar por ordens simétricas, nem matemáticas nem geométricas, quantificáveis e simplificadoras, cujo ideal é a regularidade e a uniformidade. A lógica representa um conjunto de procedimentos de controle sobre a produção dos discursos através de modelos rigorosos de raciocinar. O pensamento deve seguir normas estabelecidas para expressar-se. Ao contrário, o discurso poético é fruto de um imaginário livre. O corpo humano, no meu entender, receberia um tratamento mais fiel quando representado pelo imaginário poético. Antes de ser metaforizado como máquina e objeto do tratamento científico, o corpo foi inspirador de artistas e poetas em todos os tempos. A galeria de corpos que saíram das mãos dos artistas é imensa, cheia de encantos, de diferenças e de simbologia. A galeria dos corpos-máquina se esgota no primeiro exemplar e na primeira sala.

Resumindo, diria que o título pretende refletir a formação de um campo magnético no interior do qual o corpo dança o "samba do crioulo louco". A física e a lógica representam a síntese do polo da ordem e do controle; a biologia e a poesia constituem o polo da liberdade autoorganizacional.

Após essa explicação quero dizer que, mais do que encarar o corpo como um objeto vivo de carne

e osso, pretendo percebê-lo como uma construção simbólica.

## 2. O CORPO E AS ARQUITETURAS ANTROPOLÓGICAS

Falar de arquiteturas antropológicas nos introduz num dos temas mais apaixonantes da antropologia contemporânea. Desde o anúncio da teoria do Big Bang, como possível explicação da origem do universo, as teses evolucionistas da origem da vida ficaram definitivamente na ordem do dia. Os cosmólogos, hoje, estabelecem tempos astronômicos para definir a data do surgimento da vida. É importante lembrar que todas as explicações do universo são oriundas das investigações circunscritas de um habitante do planeta terra, cuja formação teria se dado há 4,5 bilhões de anos. As primeiras células bacterianas teriam surgido um bilhão de anos depois. Há mais ou menos 3,5 bilhões de anos, diz Albert Jacquart, se deu o "aparecimento de moléculas possuidoras do estranho e fabuloso poder de fabricar outras moléculas e de elas próprias se reproduzirem: a "vida" começava". Os primeiros homínidos aparecem há, apenas, 4 milhões de anos. (Albert Jacquart p. 100).

Seguindo, novamente, as conclusões dos cósmólogos, o universo é uma autoorganização que segue leis de uma engenharia ainda pouco conhecida. Os seres vivos, por sua vez, seguem o mesmo princípio de autoorganização, contudo obedecem a uma nova e diferente engenharia, muito mais complexa e misteriosa, talvez, até, milagrosa no dizer de Jacques Monod.

É neste ponto que físicos e biólogos se dão as mãos para tentar entender e descrever as engenharias que sustentam, tanto as arquiteturas físicas, quanto as arquiteturas biológicas. A estas engenharias somam-se as engenharias das construções simbólicas, que são, precisamente, o objeto principal deste estudo.

As construções simbólicas, seguindo tanto Schiller quanto Cassirer, tem a mesma idade do surgimento do homem no mundo. Para eles, o homem tornou-se humano pela sua capacidade inventiva de simbolizar.

O que determina a relação do homem com o mundo e consigo mesmo são essas construções simbólicas. Elas, como a genética para biologia, precisam de arquiteturas ou de engenharias. Assim como o corpo biológico é dotado de cem bilhões de neurônios que sustentam um sistema neurológico capaz de fazer funcionar um fantástico sistema de comunicação, responsável pela preservação da vida, os corpos simbólicos são sustentados por um sistema de significações que lhes dá significado e identidade. Em ambos os casos pode-se falar em arquiteturas.

Os biólogos investigam a engenharia genética que sustenta a arquitetura biológica do corpo humano. Os filósofos, os antropológicos e os psicólogos investigam as engenharias que sustentam as diferentes construções simbólicas do corpo humano no interior de cada cultura. Tratar as construções simbólicas do corpo implica em debater as arquiteturas antropológicas. O corpo é um dos elementos sempre presentes, ainda que de formas diferentes, na definição do homem. Desde o "conhece-te a ti mesmo" de Sócrates que o homem busca identificar sua arquitetura e as leis secretas de sua engenharia. Os gregos estabeleceram que se devia mergulhar na natureza para conhecer a natureza específica de cada indivíduo e assim garantir o lugar próprio na Polis. A Physis era a engenheira mãe. Santo Agostinho admitia que o engenheiro do homem fora Deus. Ele o criara a sua imagem e

semelhança, por isso, o conhecimento de si mesmo devia passar pelo conhecimento de Deus, e concluía, dizendo: Conhecer a ti, Senhor, para conhecer a mim.

Os modernos admitiam a arquitetura humana, como uma réplica do universo, cuja engenharia era matematizada e geometrizada. O universo era uma imensa máquina regida pelas leis da mecânica, segundo Voltaire, um relógio perfeito. Os filósofos intelectualistas definiram o homem como uma arquitetura pensante; o corpo era, na verdade, de outra ordem.

O final do milênio, não que tenha uma influência especial, cronologicamente falando, sobre os movimentos atuais, mas certamente apresenta novas situações. Costuma-se batizar estes novos tempos com termos pouco convincentes como, pós-modernidade ou era pós-industrial. Parece claro que as grandes teses e doutrinas, que sustentaram a modernidade, estão perdendo seu vigor de mobilização. Com as filosofias existencialistas, o homem foi retirado do mundo dos discursos de conceitos abstratos e colocado numa realidade espacial e temporal. O homem deve ser entendido como existência e não como essência. Da compreensão de homem como existência para a compreensão do homem corporal foi um passo rápido e curto. A existência torna o homem presente aqui e agora, mas a presença se torna factível ao outro e ao mundo como corpo. Não se trata, entretanto, de um corpo dado, completo, mas de um corpo que vai se construindo diante e para o outro, em termos físicos e, especialmente, em dimensões simbólicas. Segundo Jamake Highwater, a história da nossa compreensão de corpo humano confunde-se com a história dos significados de cada sociedade. Afirma ele que "nosso lugar mitológico no cosmos transforma-se em metáforas, que tomamos como fatos da vida". (Mito e Sexualidade. p. 17)

O homem é um ser corporal. Ou seja, o modo de ser do homem é ser corpo. O corpo é o homem. O homem não é uma arquitetura natural, como diziam os gregos, não é uma arquitetura divina, como defendiam os medievais, e nem uma arquitetura pensante como sustentavam os modernos. Em todos os casos, exaltava-se a mente, a razão, a consciência ou a alma e denegria-se o corpo. Dizendo que o homem é corpo fica estabelecido que o homem é uma arquitetura humana, sem partes e sem divisões, nem exclusões ou reducionismos. A corporeidade, incluindo o físico, o biológico e o mental, define a arquitetura do homem.

A aceitação da definição do homem como corpo representa uma revolução na arquitetura da herança antropológica ocidental. Diria que, como a teoria do Big Bag implodiu a física clássica, assim a compreensão do homem como corpo acaba por implodir a antropologia. Tal proposta, para uns poderá ser catastrófico, por entender que se trata da perda dos valores espirituais, um mergulho no materialismo e um sensualismo depravado. Para outros é um reencontro do homem com seu corpo ou, talvez, mais radicalmente, o verdadeiro encontro do homem consigo mesmo. Até que enfim o homem conseguiu descobrir sua identidade própria. O homem acabou de assumir-se como corporeidade.

Quero antecipar aos leitores, especialmente para que possam avaliar as minhas palavras, idéias e posições, que faço parte deste segundo grupo. Defendo a crença ou a tese de que a identidade do homem é a corporeidade. Uma corporeidade que supera os reducionismos e dualismos das heranças antropológicas intelectualistas.

Diante do exposto resta saber se é possível pensar e viabilizar uma antropologia corporal. Fica

óbvio que, uma vez admitida a tese de que o homem é um ser corporal, a antropologia corporal torna-se, não somente possível, mas conseqüência natural.

### 3. A ARQUITETURA DA ANTROPOLOGIA CORPORAL

Pensar a arquitetura de uma antropologia corporal impõe a execução de duas tarefas. A primeira concentra-se sobre a compreensão de corpo e de corporeidade, bases sobre as quais se sustenta a construção da antropologia corporal. A segunda é, apenas, uma decorrência da primeira, porque busca rever as antropologias racionais que dominaram todo o pensamento antropológico ocidental. As duas tarefas andam ao mesmo tempo, já que não se busca substituir uma antropologia por outra, mas identificar as contradições e as convergências. Em princípio acreditava-se que não deveria haver mais que uma antropologia, caso se queira abranger a totalidade do ser humano e não apenas uma parte, entretanto, pode haver tantas antropologias quantas forem as ordens sócio-culturais. O que se quer, em última análise, após as revisões feitas, é alcançar uma antropologia que corresponda à identidade do ser humano em sua unidade no contexto da cultura ocidental.

Vou iniciar pela segunda tarefa, a de repensar o projeto antropológico racionalizante, presente no Ocidente. O que dominou o desenvolvimento pensamento ocidental foi a ordem racional. Os filósofos trataram o homem como um ser pensante. As discussões giraram em torno de conceitos, de representações mentais e abstratas do homem. O humanidade do homem foi atribuída ao surgimento da racionalidade e da consciência de si. As idéias de razão universal, de consciência transcendental, de eu puro acabaram por ser guias condutores das discussões filosóficas sobre a característica fundamental do ser humano. Tudo se desenvolveu na esfera metafísica. As funções mentais eram as que correspondiam à natureza humana. Nelas estava a identidade da humanidade toda. Tornaram-se o parâmetro para julgar o grau de humanização e o estado de normalidade. O desenvolvimento da racionalidade, tanto no indivíduo quanto no social, desde os gregos, confundiu-se com o próprio progresso humano. Criou-se, desta forma, uma hierarquização vertical. Os mais desenvolvidos racionalmente, os iniciados nas ciências ou possuidores do conhecimento científico e tecnológico, representam uma maior e superior racionalidade, o que lhes dá o direito, senão o dever, de conduzir os menos desenvolvidos. Numa linguagem mais rude, os civilizados devem civilizar os bárbaros. A tarefa educacional foi difundir esta racionalidade, como forma de sustentação da verdadeira e única ordem social e humana.

Foi assim que a história da humanidade ocidental resumiu-se à história da razão ou da racionalidade. É ali que se deve encontrar o desenvolvimento humano ou o processo civilizatório. Em todos os acontecimentos é preciso identificar a presença ativa da razão conduzindo a história. A filosofia grega, inicialmente, e as ciências na modernidade eram o eixo que garantia esse percurso irresistível e irreversível do domínio da razão.

A partir daí sempre se proclamou a racionalidade universal como ideal de humanização. Humano e racional tornaram-se, senão sinônimos, pelo menos equivalentes. Ser humano significava ser racional e ser racional significava ser humano.

Os fatos, entretanto, parece que não comprovam tal reversibilidade. Aos poucos os indivíduos deram-se conta de que para ser humano não bastava ser portador de razão, era preciso desenvolver a

racionalidade dentro dos parâmetros do pensamento lógico. Para ser humano era preciso ser iniciado nesta racionalidade. O reconhecimento como humano passava pela exigência de ser civilizado. Confundiu-se a racionalidade como a forma de racionalidade do pensamento lógico, do saber conceitual, do discurso abstrato: bases da verdade inteligível. Hoje, admitem-se diferentes formas de racionalidade. Por exemplo, o pensamento mítico não possui o modelo da racionalidade do pensamento filosófico e científico, mas nem por isso é irracional. A linguagem poética, como a literatura em geral, não segue as lógicas lineares da filosofia e das ciências, mas, nem por isso é ilógica. A intuição é uma forma de conhecer que não obedece aos métodos da produção do conhecimento científico, mas não deixa de ser uma forma legítima de conhecer.

Não resta dúvida que o projeto do pensamento racional caminhou na direção da abstração. Hoje, pode-se constatar, em vários domínios intelectuais, sérios esforços para escapar das limitações do conhecimento científico. Claude Bastien observa que a evolução cognitiva vai no sentido do emprego de conhecimentos cada vez mais contextualizados. Para ele "a contextualização é uma condição essencial da eficácia do funcionamento cognitivo". O conhecimento, proposto pelos procedimentos científicos, como representação inteligível de um objeto, é uma abstração. E abstrair, segundo Morin, significa extrair um objeto de um campo dado, rejeitar suas ligações e intercomunicações com seu meio, o insere num setor conceitual abstrato que é da ciência específica. (Terra-Pátria p. 162)

Foi assim que a história da racionalidade esqueceu a história do corpo. Tratou de afastar o máximo possível a mente do corpo. Este era prejudicial. Desta forma o pensamento racional comete uma dupla descontextualização. A primeira é separar a razão do corpo para imunizá-la contra suas influências nefastas. A segunda é isolar a razão num universo abstrato, retirá-la das raízes da história pessoal e do imaginário social, para transportá-la ao espaço da neutralidade, da imparcialidade e da verdade universal. Neste sentido volto a citar Edgar Morin ao dizer que "a maior parte dos filósofos desdenha dedicar sua reflexão aos conhecimentos novos que modificam as concepções do mundo, do real, do homem, etc. Pela primeira vez na tradição nascida com os gregos, eles se afastam do cosmos, do destino do homem no mundo, das aporias do real. O mundo agoniza, e eles discutem o sexo de Édipo, debatem o *Lebenswelt* (o mundo da vida) sem **Lebens** nem **Welt** ignorando a reforma de pensamento em proveito da reforma da ortografia". E diz mais, "Os cientistas negam aos não-cientistas a aptidão, o direito, a capacidade de pensar suas descobertas e suas teorias". Por isso, concluiria eu, mais uma vez, com Edgar Morin, "a possibilidade de pensar e o direito ao pensamento são recusados pelo próprio princípio de organização disciplinar dos conhecimentos científicos e pelo fechamento da filosofia sobre si mesma".

Retomando o caminho do corpo, pode-se constatar que mesmo os cientistas, quando resolveram estudar mais detalhadamente o corpo, através de anatomias cada vez mais rigorosas, trataram-no como algo estranho. O corpo anatomizado é totalmente outro. Nada tinha a ver com o pesquisador. O corpo do pesquisador é uma coisa, o corpo pesquisado outra. O pesquisador coloca-se diante de um objeto como qualquer outro, ainda que esse objeto tenha sido o corpo de um homem. Mas torna-se nada mais que um cadáver, visto como o cadáver de qualquer outro animal.

Foi assim que a racionalidade, tornou-se a atividade exclusiva de uma consciência transhistórica e desencarnada. A entrada do corpo na cultura intelectualista ocidental precisa enfrentar esta imensa construção da racionalidade na qual nunca teve acesso, na melhor das hipóteses, podia dar-se por satisfeito quando tratado como serviçal ou mendigo.

O caminho da reintegração passa pela recusa do projeto antropológico racionalista, como já foi denunciado, para chegar a uma nova compreensão de corpo, nascida de dentro dele e não do lado de fora, como sempre se fez. Para isso é preciso contar a história do corpo, a verdadeira, não aquela contada pela razão. A história do corpo deve começar pela compreensão do corpo não sob o domínio do conceito de matéria da física, e sim no contexto dos organismos vivos. Alguns anatomistas, entre eles Vesale, já no século XVI lutavam pela anatomia em corpos humanos para garantir um conhecimento mais correto, a base da anatomia humana continuava sendo as dissecações de porcos, de bovinos e de macacos.

A tarefa principal para a construção da antropologia corporal, aquela que acima classifiquei como sendo a mais difícil e complexa, exatamente porque é dela que depende a nova arquitetura antropológica, começa pelo encontro do corpo. Um corpo que se olha a si mesmo. O corpo, que segundo Merleau-Ponty, é sujeito e objeto ao mesmo tempo, da mesma maneira como a mão que é tocante e é tocada.

Dizer qual seria a tarefa, talvez, seja simples e fácil. A execução da tarefa que é complexa. As dificuldades são muitas e de diferentes ordens. A linguagem é o primeiro obstáculo. Os limites da linguagem conceitual dualista oferece o primeiro obstáculo para falar do corpo. O conceito corpo, há muito tempo, pertence a um discurso que o vincula à matéria, à física e à mecânica. Como empregar a palavra corpo fazendo entender outras dimensões? Neste sentido, quero lembrar uma advertência de Albert Jaquart quando chama a atenção que os biólogos, ao descrever o funcionamento dos organismos vivos, recorrem a conceitos que retiram dos físicos. Entretanto, tais transferências, além de criarem confusão, podem não expressar corretamente o novo pensamento. A linguagem da física dominou o discurso das ciências positivas desde suas origens. E como o corpo fez parte dos objetos das ciências tem uma inserção total neste discurso científico. Criar um vocabulário próprio demanda muito tempo e muita criatividade.

Um segundo obstáculo, que se revela imediatamente, é o fato de que, falando antropologicamente, o corpo é um elemento que se opõe à mente. A questão está em descobrir como apagar essa separação e oposição, sem reducionismo e sem negar nenhuma das propriedades contidas na dimensão corporal e na dimensão mental da nossa herança antropológica. Não se trata de diminuir o tamanho do ser humano, nem de limitar a sua compreensão, mas percebê-lo por inteiro abrangendo todas as suas possibilidades e potencialidades, nomeando-o como corpo ou corporeidade.

Aceitando os limites da linguagem e carregando o peso da herança antropológica, parece claro que se trata de uma ressurreição do corpo e de uma recriação do homem. Não seria a primeira recriação. Os gregos recriaram o homem, diante da mitologia. O Cristianismo recriou o homem diante do paganismo. O iluminismo recriou o homem diante da filosofia cristã medieval.

A chamada pós-modernidade, pós-industrial ou final do milênio, seria palco da recriação de um novo homem, com as mesmas razões que se está pensando em uma nova ciência? Se a resposta é sim, que tipo de homem poderia surgir? O homem recriado pelo final do milênio teria o corpo como o referencial de sua arquitetura antropológica? Ou, talvez, não seja mais uma recriação, mas uma simples redescoberta que busca descrever o homem e o corpo que se construíram através de milhões

de anos do processo evolutivo da vida e da espécie humana?

Os cosmólogos tentam escrever a história do universo retrocedendo pela linha de sua evolução, até o momento da Grande Explosão. Os antropólogos teriam mais sorte, porque já contam com dados muito mais seguros. A era da vida já tem uma data aproximada de seu início. O *homo sapiens*, *sapiens*, teria surgido em torno de 35 milhões de anos.

A linha biológica, embora não seja simples e fácil de seguir, oferece um evolucionismo concreto para redesenhar o homem. O grande drama será conseguir acompanhar a evolução do imaginário humano que construiu as antropologias simbólicas. O homem não é apenas um ser vivo, mas um ser com capacidade simbolizadora. O corpo, portanto, não se esgota numa arquitetura biológica ele se é também uma construção simbólica.

Acredito que para a descrição desta nova corporeidade a linguagem conceitual perde sua força expressiva. A linguagem literária e metafórica é, sem dúvida, a que mais consegue traçar o rosto de um homem corporal. Neste caso, a metáfora da máquina e substituída pela metáfora da obra de arte. O corpo deixa ser visto como um modelo mecânico para tornar-se fonte inspiradora do imaginário estético.

O corpo humano, visto a partir de Merleau-Ponty, é uma obra de arte que se recria constantemente, porque, diz ele, a linguagem da pintura não é instituído pela natureza; ela se faz e refaz. A linguagem da arte é a única que é capaz de acompanhar o movimento da vida. sem congelá-lo em momentos estanques. A ciência manipula as coisas, a poesia quer habitá-las, assim, pode-se passar de conhecedores para viventes. A arte nos ensina viver o corpo, viver uma pintura, viver uma música.

Os seres vivos simplesmente vivem. A única coisa que sabem fazer é viver. O homem esqueceu-se de viver para usar a vida, desaprendeu de viver o corpo para transformá-lo em utensílio. O corpo humano, como todo organismo vivo, é um centro de sabedoria para desenvolver e manter a vida. Para explicitar melhor essas idéias vou recorrer a François Jacob, (prêmio Nobel de medicina e fisiologia, impedido de completar o curso de medicina devido a ferimentos na segunda guerra mundial, dedicou-se à genética celular no Instituto Pasteur), ele é um dos responsáveis pelo avanço das pesquisas de DNA. Antes das intervenções das ciências, o corpo humano havia-se construído seguindo as informações inscritas no código genético e na interação com o meio ambiente. A célula humana sabe, portanto, que não deve se multiplicar de qualquer maneira. Ela sabe porque há sistemas que a informam, os sistemas reguladores. Consequentemente, a célula é mantida numa ordem precisa que é a do corpo. "Já está comprovada a existência de sistemas constituídos de um certo número de genes que regulam a expressão celular, ou seja, agenciam a divisão da célula e a sua diferenciação - processo que faz que uma célula venha a ser da pele, por exemplo, ou do fígado." As desregulações acontecem por uma mutação cuja causa é desconhecida ou conhecida, como no caso da ação dos raios ultravioletas sobre a pele. Os raios quebram os genes que regulam a divisão celular e provocam uma lesão em que a divisão é anárquica. (Folha 01.03.98). É este olhar o corpo de dentro que possibilita refazer a arquitetura de nossa antropologia. Mais do que ensinar ao corpo modelos científicos, a nova ciência precisará respeitar e dialogar com sua sabedoria.

Depois de olhar o corpo de dentro é preciso vê-lo como um todo. Marcel Mauss disse que "é

preciso recompor o todo" e Edgar Morin acrescenta que "é preciso mobilizar o todo". A antropologia corporal, sem dúvida, repousa sobre a recomposição e a mobilização do todo humano como corporeidade.

Voltemos à linguagem metafórica. A sabedoria Zen nos dá uma percepção muito aguda desta reunificação totalizante quando pergunta qual o som de uma mão quando batemos palmas. E para Merleau-Ponty, como estabelecer a mão tocante e a mão tocada quando elas se tocam?

Os exemplos mais eloqüentes desta linguagem metafórica pertencem ao domínio da arte em geral. É impossível separar os sons da melodia, por exemplo, de uma sinfonia. É também impossível separar, no gesto da mão, o movimento e seu significado. Ninguém se atreveria afirmar que as cores ou os traços são separáveis de um desenho ou de uma pintura. O quadro e o que é nele representado formam uma coisa una e única. O mármore, a madeira, a pedra uma vez transformados em escultura deixam de ser mármore, madeira ou pedra para ser uma obra de arte. Somente sob esta ótica pode-se entender Matisse quando responde às observações de que a mulher do seu quadro apresentava defeitos. O pintor apenas diz: "minha senhora, isto não é uma mulher, é um quadro".

Certamente ninguém levaria a sério a questão de distinguir o mármore do Moisés de Miguel Ângelo ou a pedra sabão dos Profetas de Aleijadinho, como se fossem coisas distintas. Provavelmente muitos acharia a proposta estranha, talvez, ridícula. Entretanto houve concordância em aceitar uma antropologia que propunha a separação entre mente e corpo. As ciências confiaram nas explicações dadas ao corpo através de anatomias realizadas em cadáveres. Aquilo que não se admite na obra de arte admitiu-se, sem grandes restrições, na maior obra de arte viva que é o ser humano ou o corpo humano.

As reflexões filosóficas que buscam questionar tais aberrações encontram, hoje, um reforço muito significativo na neurobiologia. Os neurobiólogos mostram que o pensamento ou as chamadas funções mentais não se separam do sistema neurológico. Pensar faz parte das funções neurológicas. É possível localizar no cérebro determinadas funções como a fala, a memória ou movimentos, etc. Lesões nestas áreas afetam a função correspondente, o que comprovaria indissolubilidade. O mais importante de tudo isto é que o sistema nervoso é capaz de adaptar outras áreas para exercer as funções afetadas ou perdidas.

Admitir a realidade corporal do homem implica em aceitar todas as suas funções como sendo humanas e do mesmo nível que o pensamento ou o raciocínio; em resumo, as denominadas funções intelectuais ou mentais. Elas são funções da corporeidade percebida conforme a antropologia corporal. As atividades, anteriormente vistas como decorrentes do corpo físico, passam a ser atividades do homem. Tal conclusão gera uma série de conseqüências não facilmente aceitas. Há repercussões na educação. Na ordem social. Na ordem pessoal. Poderia lembrar o que diz Bronowski a respeito da idéia de acaso nas ciências. Diz ele que "a idéia de acaso não é difícil. Mas é nova e pouco familiar. (...) Creio, todavia, que a única dificuldade vem do hábito. Não estamos habituados a usá-la. Acostumar-nos-emos às novas idéias logo que a tal nos dispusermos e a tal formos compelidos". E conclui, "vamos ter de nos habituar". (O Senso Comum da Ciência).

Na educação surge a idéia de uma pedagogia do desejo como contraponto das pedagogias intelectualistas ou do conhecimento. A pedagogia do desejo busca tornar o corpo presente no

processo educacional contrariando a total exclusão imposta pelas pedagogias cognitivas.

Na ordem social, o corpo representaria uma verdadeira revolução. O corpo fundamenta uma nova socialidade. A socialidade corporal se constrói sobre as necessidades vitais. A sociedade, que nos vem desde os gregos, contempla os valores racionais, o desenvolvimento da racionalidade, da inteligência, a produção e a posse de conhecimentos. Os que não desenvolveram as capacidades intelectuais ficam cidadãos, quando tanto, de segunda categoria. As necessidades corporais, não são só as físicas ou biológicas, que constituem o desenvolvimento da vida plena são comuns a todos os humanos; o que faz com que todos tenham os mesmos direitos pelo fato de pertencerem à espécie humana, sem precisar serem proclamados pela racionalidade. Fica claro o homem é corporal, o que não exclui o racional, mas a ele não se reduz e nem se sobrepõe.

Na ordem pessoal, a mudança é radical. Começa pela idéia de que eu sou corpo. Não sou um eu superior, proprietário de um corpo. O corpo deixa de ser um utensílio para ser a própria morada, a OIKOS de cada um. Somos um ecossistema. Entra, assim, em cena a imagem do mundo da vida. Na ordem pessoal ressurgem com dignidade todas as atividades, especialmente as de foro íntimo, antes excluídas de participar da personalidade humana. Os sentimentos, as emoções, as paixões, a sensibilidade, os instintos e, por fim e de maneira mais dramática, a sexualidade.

Cada uma destas atividades atribuídas ao corpo e consideradas, como o próprio corpo, atividades sob suspeita por serem fontes de desvio padrão e de abalo da rigidez de uma personalidade equilibrada fundada no psiquismo. Já existem bons trabalhos sobre essa reabilitação do emocional, do afetivo, do prazer, do corpóreo.

Pelo tempo e pela característica deste trabalho não posso entrar neste campo, ainda que muito instigador, e vou passar para uma instância que, no meu entender, é altamente explosiva que denominei de "as ciladas contra a antropologia corporal".

#### 4. AS CILADAS CONTRA A ANTROPOLOGIA CORPORAL

A antropologia corporal não tem apenas que travar uma luta contra a pesada carga da nossa herança corporal, talvez, essa seja a menos traumática; ela precisa enfrentar as armadilhas insidiosas de inimigos internos.

A antropologia corporal é, sem dúvida, a exaltação da corporeidade, mas não enquanto reflete a materialidade do corpo tradicional, mas o corpo que abrange toda ação humana. Essa exaltação, entretanto e já que a nova compreensão de corpo não está ainda incorporada em nosso cotidiano, acaba por se prestar para uma nova forma de humilhação do corpo. Aquilo que parecia ser um libertação pode tornar-se um novo tipo de reclusão. Proclamar a recriação do homem numa antropologia nascida da ressurreição do corpo não é suficiente. É preciso reformar o pensamento, alterar hábitos e rever valores.

A antropologia corporal encontra no 'imajário' ou 'imageria' um imenso espaço para se desenvolver. Na medida em que o corpo deixa de ser uma máquina, ou um simples organismo vivo, ele passa a ter formas, a ter rosto, a ser expressivo, a estar presente. A questão, entretanto, é saber

que tipo de presença, quais os traços de seu rosto, qual sua fala, que formas estéticas deve assumir. Evidentemente as respostas deveriam partir de cada corpo e, de forma alguma, ser dadas ou impostas de fora. Cada corpo é uma presença, um rosto, uma fala e uma figura estética. Infelizmente o que acontece é o contrário, as imagens são produzidas de fora e vendidas em toda parte, exploradas com o mais deslavado cinismo, pior, as pessoas com muita docilidade se submetem, às vezes, sentem-se orgulhosas de estar reproduzindo imagens comercializadas. Pode-se apagar ou introduzir imagens nas fotografias. Prática muito utilizada na política e no jornalismo. Na ordem social acontece o mesmo, os mendigos são retirados, na hora das visitas ilustres, particularmente, governantes. Uma operação de guerra é mobilizada para impedir a entrada no salão das exposições obras falsificadas. Os excluídos da ordem social recebem o mesmo tratamento quando querem entrar nos espaços das elites. A imprensa televisiva é responsável pelas mais mortais ciladas contra as imagens corporais.

Na antropologia racional o corpo era submetido à mente, agora ele se submete a corpos estranhos, enquanto quer reproduzi-los copiando sua imagem.

Junto com as explorações da imagem corporal encontramos a exploração da força sedutora. O corpo possui uma força de persuasão pela sedução muito superior à força que possuem os raciocínios de convencimento. Não se trata da sedução sexual, mas da sedução de uma imagem simbólica que substitui o objeto representado. O discurso político, ao lado do discurso da publicidade econômica, tornou-se o grande manipulador de imagens. Não são idéias, raciocínios ou ideologias que sustentam o discurso político atual, mas a manipulação de imagens. O eleitor é seduzido pelos perfis corporais que o acariciam em seus desejos, em lugar da ideologia que o levaria a pensar e refletir. Ele não decide mais. Cai na armadilha do sedutor. O corpo tornou-se a encruzilhada de toda sedução, ele seduz e é seduzido.

Os marketeiros da política e da economia alcançaram uma tecnologia de sedução que se tornou irresistível ou quase irresistível. A palavra é o que menos conta, o que importa é a imagem, os jogos de efeitos especiais. A possível vítima da sedução não tem tempo de reagir, fica envolvida por que acaba coadjuvante das cenas.

Outra fonte de ciladas vincula-se às necessidades corporais. A arquitetura do corpo demanda uma série de recursos para concretizar sua construção. As necessidades tem seus limites, mínimos e máximos, dentro deles cada corpo precisa abastecer-se. Outros interesses, especialmente de ordem econômica, acabam por estimular ao máximo os desejos oriundos destas necessidades fazendo com que a percepção da necessidade carente e da necessidade satisfeita fique completamente desorganizada. O corpo humano perdeu sua capacidade de autoorientação. Permaneceram imunes, apenas algumas funções básicas como da respiração ou da circulação. O apetite, por exemplo, ficou completamente desarticulado. Estudos recentes comprovaram que até os animais domesticados perderam qualidades instintivas particularmente no que se refere a seu regime alimentar.

O consumismo é o fato mais eloquente desta exploração das necessidades corporais. A área alimentar é a mais visada e a mais visível. Há comidas, bebidas e dietas para tudo e todos. Há também drogas ao infinito para sanar os possíveis abusos. Há sempre necessidades insatisfeitas e há sempre excessos de satisfação. Mas para tudo tem enlatados e remédios.

Uma cilada muito sutil e eficaz é a que se apóia no princípio do prazer. O prazer deixou de ser uma questão controlada por normas morais, para tornar-se um direito do homem. Todo ser humano tem direito ao prazer. Assim as ofertas de satisfação de prazer não encontram limites. O próprio indivíduo colabora na medida que o prazer justifica seus atos. O fumante, o usuário de drogas, esquece os males destrutivos do corpo em nome do prazer, ou suposto prazer, que usufrui. Um jornalista escreveu, "para que deixar de fumar, se o prazer de fumar é muito superior ao prazer de viver".

O processo econômico globalizante, que nos domina, não deixou escapar o corpo, sendo, inescrupolosamente, anunciado como a próxima fronteira do capital. Nos rastros dessa inclusão do corpo no rol dos objetos mercadejáveis, surge um mercado clandestino de órgãos para transplantes. A imprensa está recheada de notícias sobre desaparecimentos e, até, adoções suspeitas, mas que não se consegue, ou não se quer, comprovar. Os países subdesenvolvidos, já exportadores de matérias-primas para a indústria, tornam-se potenciais exportadores de órgãos e corpos como matéria-prima para os diferentes usos, como pesquisas ou transplantes dos países desenvolvidos e, neles, os poderosos detentores do capital.

Todas essas ciladas acabam por transformar a libertação do corpo numa nova forma de escravidão, e pior que a anterior. Antes o corpo era escravo de um patrão de ordem supostamente superior, pelo menos, que se apresentava como algo distinto do corpo. Agora a escravidão está enraizada no próprio corpo, ela está sendo proposta em nome do corpo, não mais em nome da psiqué, da alma ou da mente.

Freud disse que "o recalque acarreta uma volta do recalçado, tanto mais poderosa quanto mais rigoroso é o interdito". Se esta tese for verdadeira a liberação do corpo do jugo da razão ou da alma que durou mais de dois milênios proporciona um desrecalque de máxima virulência, o que poderia justificar a viabilização das investidas consentidas destas ciladas.

Se tomarmos a tese do sociólogo brasileiro José Luís Fiori de que, não chegamos à pós-modernidade, estaríamos, ainda, em plena modernidade e sob a égide de sua primeira utopia. Ou seja, chegamos ao momento totalitário da utopia liberal. O que reforça, em parte, Popper, o filósofo neopositivista austríaco, quando fala dos totalitarismos que se organizam em torno de planos. Nós vivemos exatamente esse totalitarismo em torno de um plano econômico, parâmetro para julgar tudo o que acontece e está por acontecer. Mas o totalitarismo mais nefasto é aquele que se enraíza internamente, se apresenta com a máscara da autonomia e da libertação. A exaltação do corpo pode ser a sua escravidão. Assim como o fortalecimento do corpo pelo atleta para exauri-lo numa maratona, pode significar o seu massacre.

## CONCLUSÃO

Para encerrar quero propor dois tipos de conclusões. O primeiro segue a lógica do roteiro da palestra. É bom dar-se conta que tanto a ciência quanto a arte fazem parte de duas grandes aventuras da humanidade. E ambas tem em comum o fato de que, no começo de tudo, há um esforço de imaginação. Tanto a ciência quanto a arte dependem da criatividade da imaginação. A ciência tem o objetivo de controlar os objetos pelo domínio cognitivo de seus mecanismos; a arte busca, exalta e canta as belezas pela sedução de seus encantos. O caminho a seguir deve levar à união das duas

aventuras.

Assim, eu diria que a construção da antropologia corporal, não é nem a tarefa de uma ciência, nem da poesia, mas de todas as ciências e de todas as artes. Neste sentido quero lembrar a obra em 7 volumes de Gadamer e Vogler, **Nova Antropologia**, proposta como superação da antropologia tradicional, escrita a muitas mãos com o cuidado de indicar vinculações interdisciplinares, e que tem no ser humano o ponto central de referência. Sem dúvida, delinear a arquitetura da antropologia corporal seria a tarefa confiada ao século XXI. O primeiro passo começa por refazer os conceitos que sustentaram uma antropologia intelectualista e que garantiu o expansionismo da civilização ocidental. O segundo passo é ressuscitar o corpo reconhecendo-o como a legítima condição humano. Fato que o próprio Deus cristão reconhece ao afirmar que tornou-se homem, encarnando-se. Uma tarefa que deverá levar tempo. É a mesma situação, já lembrada, de que fala Bronowski a respeito do acaso. É uma questão de hábito, habituar-nos-emos. As antropologias racionais foram construídas e aperfeiçoadas durante 25 séculos. A antropologia corporal deve levar algum tempo até que os antropocentrismos dominantes cedam lugar às idéias holísticas e ecológicas.

O homem ocidental assistiu impotente a filosofia, a teologia e a ciência, cada uma a sua maneira, entregarem, realmente, a régua e o compasso ao pensamento humano para enquadrar o corpo, ora no mundo animal, ora na ordem do pecado, ora como objeto de pesquisa ou material de laboratório. Os filósofos poderiam reintegrar o corpo na antropologia, os teólogos poderiam ressuscitá-lo glorioso como o de Cristo, os cientistas poderiam ver o corpo na cosmogênese e na biogênese.

Como tarefa pessoal e existencial dada um de nós poderia passar do uso do corpo para a vivência do corpo; passar da consciência soberana e dominadora, dona de conhecimentos e abstrações delirantes e cidadã de uma sociedade hierarquizada, para o corpo dos desejos, dos sentimentos, da sensibilidade, bases para a comunidade emocional, onde cada um consegue estar presente e junto a todos, porque comunga-se da mesma vida e se tem o mesmo destino.

Foi aqui que eu pensei no segundo tipo de conclusão. Nasceu de um sentimento de desencanto, de vazio ou de isolamento diante de todo trabalho realizado para elaborar esse texto. Pareceu-me um esforço inútil ou quase inútil. O ponto mais positivo foi ter-me despertado esses sentimentos e essa outra perspectiva.

Acredito que o caminho que conduz ao corpo no final do milênio é muito mais vivo e criativo, embora e por vezes, dolorosamente dramático. Transformar o corpo num discurso, de repente, pareceu-me uma dissecação e uma abstração. O corpo discursado não é mais o corpo vivido, mas um cadáver, como o das dissecações, ou uma representação geral, como o das abstrações. Acabei convicto que o corpo no final do milênio dificilmente se manifesta discursivamente. Sua linguagem é presença, é gesto, é movimento, é postura, é vida. O meu trabalho serviu para levar-me, por um desvio, aos lugares onde, de fato, o corpo, está presente, onde ele se constrói para si, para os outros e diante dos outros.

O corpo do final do milênio está nas praças, nas ruas, nas casas, nos apartamentos, nas fábricas, nos gabinetes, nas escolas, nas prisões, no campo, nas roças, nas estradas, nos hospitais, nos quartéis, nos tribunais, nos asilos, no teatro, na tela das televisões ou dos cinemas. Há uma multiplicidade de lugares que gera uma diversidade de corpos que desfilam diante dos nossos olhos diariamente. Há

milhares de corpos das diferenças estéticas. Há uma floresta de corpos da biodiversidade. Há também plantações de corpos de dietas alimentares ou de laboratórios publicitários e estéticos. Há corpos sadios, doentes, fortes, fracos, deformados, deficientes, normais, feios, bonitos. Há corpos infantis, jovens, adultos, envelhecidos, enrugados, alquebrados, desdentados, maquiados, naturais. Há corpos com plásticas, com próteses, com transplantes. Há corpos analfabetos, letrados, trabalhadores, desocupados, ativos, preguiçosos, empregados, desempregados, pobres, ricos. Há corpos obesos, magros, baixos, altos, atléticos. Há corpos engravatados, descamisados, descalços, bem alimentados, famintos, anêmicos. Há corpos pretos, brancos, morenos, loiros, mulatos. Há corpos drogados, alcoolistas, comilões, anoréxicos. Há corpos sexuados, masculinos, femininos, homossexuados, hermafroditas, heterossexuados, transexuados, eunucos, virgens, estuprados, violentados, casados, solteiros. Há corpos nas academias, nos estádios, nas piscinas, nos ginásios, nas quadras de esportes, nas praias. Há corpos dóceis, disciplinados, revoltados, conspiradores, reivindicadores, acomodados, lutadores. Há os corpos nos salões VIPS, nas filas dos hospitais, do SUS, dos bancos, nas novelas, nos programas do Ratinho, do Faustão, do Gugu, da Xuxa, Há os corpos nas caminhadas e invasões dos sem-terra, nas tocaias dos latifundiários. Há os corpos dos massacres de Garandiru, de Vigário Geral, da Candelária, de Eldorado do Carajás. Há corpos sensíveis, felizes, agradáveis, sorridentes, livres, amigos, afetivos, carinhosos.

Há outras infinidades de corpos pelo mundo inteiro. Cada região, cada país, cada cultura. cada povo cultiva seus corpos. Como posso estabelecer critérios que garantam o perfil do corpo no final do milênio? Por isso descobri que é nestes lugares onde o corpo do final de milênio está se construindo e se torna visível. Infelizmente a nossa linguagem discursiva, matematizada e logicizada não consegue alcançar. Somente a arte, no meu entender, seja com traços e cores, na pintura e na escultura; seja com ficções ou imagens através do cinema e do teatro, consegue preservar uma fidelidade maior com o corpo vivo que, queiramos ou não, se esgueira entre as engrenagens das máquinas e os rigores das lógicas em busca de vida e de poesia.

Prof. Silvino Santin

Santa Maria, 16 de abril de 1998.

#### BIBLIOGRAFIA

1. JACQUARD, Albert. **O Elogio da Diferença - A genética e os homens**. Portugal, Europa-América, 1978
2. CHANGEUX, Jean-Pierre. "O Homem dos Neurônios" In PESSIS-PASTERNAK, Guitta **Do Caos à Inteligência Artificial**. São Paulo, UNESP, 1991.
3. MORIN, Edgar. **Terra-Pátria**. Porto Alegre, Sulina, 1998.
4. BRONOWSKI, Jacob. **O Senso Comum das Ciências**. São Paulo, EDUSP, 1977.